

A IDEIA DE ESTÉTICA NO ENVELHECIMENTO DE MULHERES NEGRAS

Polliana Teixeira da Silva ¹

Isabelle Patriciá Freitas Soares Chariglione ²

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da história das ciências humanas e sociais, a estética vem se consolidando como um elemento de extrema relevância na subjetivação dos indivíduos. E, ao se tratar sobre o Ocidente, pode-se dizer que há uma íntima relação entre os ideais de beleza aqui estabelecidos e todos os acontecimentos históricos, econômicos, políticos e sociais que moldaram as estruturas dos referidos países.

Neste sentido, em um país marcado pela colonização e dominação de identidades não-brancas, é evidente que os ideais de beleza têm raízes históricas profundas e são pautados em ideologias racistas (Thomaz & Vieira, 2019). Enquanto um construto social, não se pode negar que os padrões estéticos seguem concepções atravessadas pelo colonialismo, implicando na incidência de sentimentos de insatisfação e infelicidade com a própria estética em mulheres negras (Bento, 2014; Gonzalez, 2020).

De acordo com Pinheiro, Rosa e Conceição (2019), “a formulação do padrão de beleza instituído pelos colonizadores brancos europeus elegeu ícones estéticos constituintes do seu sistema simbólico de representação” (p. 8). Em outras palavras, o belo é branco. Todavia, percebe-se que a grande parte dos estudos interseccionais que investigam a relação entre estética e negritude está centrada no estudo da infância, adolescência e vida adulta, relegando a velhice à uma posição de subalternidade dentro desta área.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PGPDE) da Universidade de Brasília (UnB) – DF, fraupolliana@gmail.com;

² Doutora em Cognição e Neurociências. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PGPDE) da Universidade de Brasília (UnB) – DF, ichariglione@unb.br. Este trabalho resultou da dissertação de mestrado intitulada “Deus é uma mulher preta?: as representações sociais construídas por mulheres negras idosas do Distrito Federal sobre seus envelhecimentos”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PGPDE – UnB), fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O envelhecimento é um processo multidimensional, complexo e heterogêneo (Neri, 2011; Da Silva, 2023), o qual é vivenciado de maneiras distintas a depender dos aspectos culturais presentes no desenvolvimento humano dos indivíduos em questão (Bernardo & Carvalho, 2020). Sendo assim, faz-se fulcral estudar como diferentes grupos experimentam os mais diversos fenômenos, considerando os determinantes sociais de gênero, raça e geração. Portanto, o objetivo do presente trabalho foi investigar os significados que mulheres negras idosas atribuem à sua estética no envelhecimento.

METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou a Teoria das Representações Sociais para investigar os significados atribuídos por mulheres negras idosas à sua estética. Para isso, foram entrevistadas 31 mulheres negras entre 60 e 87 anos, com média de idade de 68,8 anos. Todos os nomes aqui citados são fictícios, a fim de preservar a identidade das participantes do estudo.

A entrevista foi semiestruturada e contou com cinco questões norteadoras sobre envelhecimento e negritude. A nível de análise, foi utilizada a Análise Microgenética do Discurso. Todos os procedimentos foram aprovados pelo CEP/CHS da Universidade de Brasília, sob o código CAAE: 61213822.7.0000.5540.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, vale pontuar que a maioria dos estudos sobre negritude se centra nas dificuldades enfrentadas por pessoas pretas e pardas desde o período escravocrata - fato esse extremamente relevante, visto que muitas feridas coloniais seguem em voga nos dias atuais. Essa informação pode ser corroborada, também, na área do envelhecimento. Isto é, ainda que sejam poucas as investigações acerca da realidade da população negra idosa, estas ainda se circunscrevem aos obstáculos enfrentados por essa população, vide o estudo de Rabelo et al. (2018).

No que tange à estética, são vários os estudos que trabalham com questões referentes à autoestima e ao empoderamento da população negra, pois sabe-se que, aqui, o racismo também é pautado pela negação do mesmo (Gomes, 2017). Em outras palavras, foi socialmente estruturada a ideia de que não é o racismo que impede que pessoas negras enxerguem beleza

em si, mas uma mera questão subjetiva de preferência. Todavia, esse cenário se altera quando se trata de estética no envelhecimento feminino.

Ao realizar as entrevistas, percebeu-se que todas as participantes do estudo trouxeram a beleza como um marco positivo da velhice, embora tenha sido um fator de sofrimento na juventude. Assim, foram identificadas duas categorias para a Análise Microgenética do Discurso: (1) a noção de estética e beleza na juventude; e (2) a transformação da ideia de estética e beleza no decorrer do envelhecimento.

Na primeira categoria, as participantes alegam não terem se sentido jovens bonitas. Analisando as entrevistas, foi possível notar que essas crenças foram reforçadas por episódios discriminatórios, pela ausência de relacionamentos amorosos, pelo desgosto pelos próprios traços físicos e por demais vivências corroboradas pela literatura (Pinheiro, Rosa & Conceição, 2019). Um exemplo disso é o discurso de Caliandra, onde ela discorreu sobre a experiência de ter sido rejeitada em um emprego para o qual tinha todas as competências e, ao descobrir que uma colega branca menos qualificada havia sido contratada, relacionou este fato com sua suposta ausência de beleza. Ela comenta:

“Eu sabia que eu tinha feito uma boa prova ali. Pensei ‘nossa, o emprego é meu!’. Aí passou um dia e nada [...] Um dia, eu tinha uma entrevista no mesmo bloco, e encontrei a menina branca, e ela falou ‘você acredita que eu fiquei com aquela vaga? Não sei como, mas fiquei!’ [...] Aí eu pensei que tinha alguma coisa errada comigo, na época eu pensei ‘é porque ela é bonita, né? Eu sou feia’”.

Assim, percebe-se que os episódios de racismo, ao longo de toda a juventude e vida adulta, confirmaram a percepção dessas mulheres de que elas eram inferiores em várias dimensões de vida, inclusive na beleza. Contudo, ao examinar a segunda categoria de análise, é notório que, ao atingir a velhice, há um movimento contrário na subjetivação das participantes.

Em suma, as mulheres negras idosas entrevistadas relataram o reconhecimento de si mesmas enquanto mulheres bonitas no envelhecimento, especialmente ao compararem seus atributos físicos aos das colegas brancas de mesma idade. Percebe-se, então, que houve uma

transformação das representações sociais dessas mulheres sobre gênero e raça quando as mesmas chegaram aos 60+. Isso porque todas as mulheres entrevistadas destacaram a aparência física como um ponto positivo da interseção entre gênero, raça e geração, ainda que nenhuma tenha alegado se sentir bonita antes da velhice.

Sob esta ótica, vale conferir o discurso de Lobeira, que expõe como sua percepção mudou no decorrer das décadas. Ela afirma:

“Quando eu falo da aparência, eu era muito feia. Vejo minhas fotos, ninguém diz. Todo mundo fala que hoje em dia eu estou muito mais bonita, muito mais. Eu posso botar uma roupa assim, posso botar uma roupa executiva para trabalhar, e o pessoal fala que eu chamo atenção”.

Ante o exposto, cabe afirmar que a passagem do tempo pode ser enquadrada como um fator de relevância na percepção que essas mulheres têm sobre sua beleza. Evidentemente, muitos elementos convergem com esse decorrer dos anos, tais como o próprio avanço do Movimento Negro e suas reivindicações, a maior cobrança por representatividade negra nos mais diversos espaços públicos, os debates sobre negritude nos grandes centros de produção de conhecimento, entre outros.

Compreende-se que muitas transformações sociais acompanharam o envelhecimento dessas mulheres, que viveram suas juventudes sem a presença dessa discussão. Mas, também é possível ressaltar a possibilidade do próprio envelhecimento operar como um momento propício para a libertação de padrões estéticos impostos às mulheres mais novas, ainda que pouco se discuta sob essa ótica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que, no decorrer de suas vidas, as mulheres negras idosas entrevistadas não relataram o sentimento de apreciação da própria beleza. Contudo, essa percepção se altera na velhice, abrindo espaço para os questionamentos: essa nova percepção de beleza se deu por conta dos avanços das políticas públicas raciais? Ou, quem sabe, através do contato com figuras negras nas mídias e demais indústrias, que hoje produzem produtos específicos para a

população negra? Pelo contato com uma parcela significativa da nova juventude negra, que vem construindo novas relações com suas respectivas negritudes?

Infelizmente, essa é uma questão ainda em aberto. Mas, é inegável que, aparentemente, há a remediação de dores coloniais durante esse processo. Hooks (2019) afirma que “amar quem somos começa com a compreensão das forças que produziram quaisquer hostilidades que sentimos em relação à negritude e a ser mulher, mas também significa novas formas de pensar sobre nós mesmos” (p. 124). E, nesse sentido estético, entende-se que as mulheres estão se movimentando em direção à ressignificação de suas próprias vivências específicas da conjugação entre gênero, raça e geração.

Palavras-chave: Envelhecimento; mulheres negras; estética; interseccionalidade; teoria das representações sociais.

REFERÊNCIAS

Bento, Maria Aparecida. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: Carone, Iray; Bento, Maria Aparecida. Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 25-58.

Bernardo, Lilian; Carvalho, Claudia. O papel do engajamento cultural para idosos: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 23, 6, p. 1-13, 2020.

Da Silva, Polliana. Deus é uma mulher preta?: as representações sociais construídas por mulheres negras idosas do Distrito Federal sobre seus envelhecimentos. (Dissertação em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

Gomes, Nilma. O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

Gonzalez, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Hooks, Bell. Olhares Negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

Neri, Anita. Uma psicologia positiva para o envelhecimento. *In*: Falcão, Deusivânia; Araújo, Ludgleydson. Psicologia do Envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados. Campinas: Alínea, 2011, p. 9-10.

Pinheiro, Bárbara; Rosa, Katemari; Conceição, Sueli. “Linda e preta”: discutindo questões químicas, físicas, biológicas e sociais da maquiagem em pele negra. *Conexões*, 13, 5, p. 7-13, 2019.

Rabelo, Dóris; Silva, Josevânia; Rocha, Nara Maria; Gomes, Hiago; Araújo, Ludgleydson. Racismo e envelhecimento da população negra. *Kairós Gerontologia*, 21, 3, p. 193-215, 2018.

Thomaz, Daniara; Vieira, Luara. A cor do defeito: uma análise sobre raça, gênero e corporeidade. *Espirales*, 3, 1, p. 216-230, 2019.